



anúnciacao

bernardo
santareno

ática

BERNARDO SANTARENO

ANUNCIAÇÃO

PEÇA EM 3 ACTOS

2.^a edição



EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

Capa de
MARIA DA CRUZ

baseada na «Anunciação», de Fra Angelico

© 1962, by ÁTICA, S. A. R. L., Lisboa

Distribuição exclusiva:
LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.
Apartado 37 — Amadora

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria
Bertrand, S. A. R. L., Rua João de Deus, Venda Nova, Amadora

Acabou de imprimir-se em Dezembro de 1973

PERSONAGENS

SIBILA	17 anos
RAFAEL	20 anos
AMÉLIA	48 anos
ROGÉRIO	50 anos
FERNANDO	50 anos
GUILHERMINA	70 anos
EDUARDA	45 anos
MARIA JOÃO	25 anos
BEATRIZ	55 anos
CRIADA	20 anos
CHIQUINHO	26 anos

ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

CENÁRIO:—*Solar antigo, construído sobre monte cimeiro, em quinta isolada e meio selvagem.*

Quarto de cama. Estão em cena Amélia, Guilhermina e Sibila.

CENA I

AMÉLIA

(Que se levanta do grande leito dosselado.) Estou tão cansada, tão... Ai, a minha cabeça!... Não dormi nada... nada...

GUILHERMINA

(Que ajuda Amélia.) Nem eu, menina. Nem a Sibila. *(Amélia deixa-se cair sobre o leito, em genuflexão de abandono.)* Vá... upa!... *(Veste-lhe um penteador.)* Daqui a pouco estão aí as visitas...

AMÉLIA

(Infantil.) Não!! Não posso ver ninguém!... Dói-me o estômago... dói-me tudo, Guilhermina... Quero voltar pra Lisboa. Hoje, já!...

GUILHERMINA

Hoje?...

AMÉLIA

Hoje. Estou doente... não tenho cá o remédio, não tive tempo de o arranjar... (*A gritar:*) Não posso receber ninguém!...

GUILHERMINA

A menina é a viúva: tem que ser...

AMÉLIA

(*Que está agora sentada ao espelho.*) Ora, comédias! Toda a gente, aqui e em Lisboa, sabe que eu e o Rodolfo estávamos separados há muitos anos: Queres que faça agora o papel de viúva inconsolável?! Ai, deixa-me em paz com essas... (*Passando as mãos pelo rosto envelhecido:*) Estou um horror, Guilhermina!

GUILHERMINA

(*Que penteia Amélia.*) Logo fica bonita.

AMÉLIA

Estou tão velha, Guilhermina! (*A soluçar, abraçando-se a Guilhermina:*) Tu sabes que dia é hoje?...

GUILHERMINA

(*Ternura triste.*) Nunca me esqueci, menina... (*Indicando uma jarra com rosas brancas:*) Olhe, as suas flores!...

AMÉLIA

(Tomando febrilmente as rosas e beijando-as muitas vezes.) Pois não te...?! As minhas... as minhas rosas!... Obrigada, Guilhermina, muito obrigada!... (Súbito desânimo, deixando cair as flores no regaço:) Dantes... Agora, tudo é tão diferente!... Eu fui feliz aqui, nesta casa, neste quarto: e só hoje o sei, Guilhermina!... Tudo mudou... (De novo a contemplar-se ao espelho:) Eu mudei... muito. (Riso nervoso:) Tu sabes quantos anos faço eu, hoje?

GUILHERMINA

Claro. Sei que...

AMÉLIA

(Mimada.) Oh, cala-te! Não, não digas! É horrível. Estou velha... (Gesto de Guilhermina.) velha, Guilhermina! E não posso enganar ninguém: pareço ter a idade que tenho. (Reacção exagerada:) Cuidado, arranhaste-me: as tuas mãos já não...!?

GUILHERMINA

Foi o reumatismo, menina. E perdi o jeito: já não sou capaz de cuidar duma senhora... Desabituei-me: a Sibila nunca teve o cabelo mais comprido que isto (indica a ponta de um dedo) e quanto a pinturas...!

AMÉLIA

(Ansiosa.) Sabes, Guilhermina? Eu não sei, mas... A Sibila impressiona-me... não a conheço, já não a apa-

nho... Olha-me duma maneira... Reparaste? Viste bem a segurança, a... dureza daqueles olhos? Eu tenho medo dela... É verdade, tenho medo!!

GUILHERMINA

Ela é boa. A criatura mais pura que eu vi, em toda a minha vida!...

AMÉLIA

Será, não digo que não, mas... Tu não vês?! Parece que está sempre a acusar-me, a julgar-me, a...

GUILHERMINA

Isso é impressão sua, menina: ela nunca lhe diz nada, sempre caladinha...!

AMÉLIA

Não é com palavras: são os olhos... os olhos! Eu já não sei como hei-de falar-lhe... cresceu muito depressa... não sei se...!?

GUILHERMINA

(*Dura.*) Há mais de sete anos que vivem separadas...

AMÉLIA

(*Reacção viva.*) E então? Que podia eu fazer?! Querias que continuasse aqui: que ela crescesse no meio do inferno que era a minha vida com o... pai? que fosse, a pouco e pouco, descobrindo todas as nossas misérias? Era melhor?!

GUILHERMINA

Já lhe passei o vestido preto: vou buscá-lo...!

AMÉLIA

(*Agarrando o braço de Guilhermina.*) Era melhor?...

GUILHERMINA

(*Estática.*) Uma mãe faz sempre muita falta...

AMÉLIA

(*A gritar.*) E então?! Querias que eu a levasse comigo pra Lisboa, pra...?

GUILHERMINA

Eu não disse nada, menina. Eu já não sei nada deste mundo.

AMÉLIA

Mas pensa, Guilhermina. (*Crise nervosa, a bater com os punhos sobre a mesa:*) E eu não podia, não podia...! Havia de meter a minha filha naquele... caos, na... desordem em que tenho vivido?! (*Choro alto:*) Ai, ninguém me quer! já ninguém me respeita, nem me ama, aqui!...

GUILHERMINA

(*Acariciando os cabelos de Amélia.*) Não é verdade, menina...

AMÉLIA

E ele não deixava! o pai nunca consentiria em separar-se dela!... Tu sabes bem que eu não podia, legalmente, exigir-lha...

GUILHERMINA

O que lá vai, lá vai...

AMÉLIA

(*Grave, soturna.*) A Sibila não gosta de mim, Guilhermina.

GUILHERMINA

(*Doce, firme.*) Gosta.

AMÉLIA

Como ela cresceu!... Tenho medo. E agora... a morte do pai... Eles davam-se bem...

GUILHERMINA

Aquilo era uma verdadeira paixão: nunca tal vi! Viviam sempre os dois, juntos o dia inteiro...

AMÉLIA

(*A sofrer, impaciente.*) Sei, já sei isso tudo! Ele... foi ele que a ensinou a odiar-me! E a Sibila é minha filha!!

GUILHERMINA

Nunca falavam em si, menina.

AMÉLIA

E tu? tu também não? Era como se eu não existisse, como se... estivesse morta?! Eu, a vergonha... a nódoa da família! Pois olha que, se quisesse, também lhe podia contar muitas coisas do pai... e bem edificantes!...

GUILHERMINA

Por amor de Deus, menina: lembre-se que o senhor doutor Rodolfo morreu há dois dias, que ainda...!

AMÉLIA

(*Contraindo-se.*) Dói-me tanto o estômago!... Não posso aguentar isto mais tempo... estou doente, doentel...
(*Sófrega:*) Queria... precisava daquele remédio!!

GUILHERMINA

Manda-se chamar o médico, à cidade...!?

AMÉLIA

Não, nunca mais cá chegava! Eu quero voltar pra Lisboa, eu...

GUILHERMINA

Amanhã. Venho já: vou ver do vestido. (*Terna:*) Componha a sua cara, menina... (*Nos movimentos trôpegos*

de saída, deita ao chão uma fotografia de Rodolfo, colocada algures, sobre uma mesa:) Oh, meu Deus!...

AMÉLIA

(Gritando assustada.) Que foi...? Ai, isto é o inferno!...

GUILHERMINA

(Que, penosamente, apanhou o retrato.) Quebrou-se...! Perdoe-me, menina, eu...

AMÉLIA

(Arrepio.) Vidros!...

GUILHERMINA

(Contemplando a fotografia.) Era muito bonito!...

AMÉLIA

(Vendo também o retrato.) Era... era um homem belo. (Descontrolada:) Que horror... que morte pavorosa! Porquê? porque é que...?! (Soluça.) Oh, infeliz, pobre Rodolfo!...

GUILHERMINA

Já não era o mesmo. Nos últimos meses, mudou muito...

AMÉLIA

Era ainda novo, forte, cheio de saúde... Que coisa atroz!...

GUILHERMINA

Estava doente.

AMÉLIA

Doente? E não o tratavam, deixavam-no andar assim, à vontade...? consentiam que ele dormisse sozinho, naquella maldita cabana?! Doente, com quê?...

SIBILA

(Que, oculta pelas costas de um grande cadeirão, em frente da janela, tem estado completamente invisível para os espectadores. Sem se mexer, só a voz.) Cancro.

AMÉLIA

Não! não é possível!?

SIBILA

Cancro.

GUILHERMINA

(Triste.) Era... era um cancro.

AMÉLIA

(Desesperada.) E não o tiraram daqui, não o internaram, não...?! Podia ser que... às vezes... *(Fúria súbita:)* Que fazes aí, Sibila? Escondida, sempre a espiar... Quem te autorizou a entrares neste quarto, assim...?

SIBILA

(*Calma.*) Dormia. Acordei mesmo agora.

GUILHERMINA

Não tinha dado por ti, filha...

AMÉLIA

(*Que se levanta, em movimentos arritmicos.*) E não me avisaram: nem uma carta, nada...! Cancro!! Era a tua obrigação, Sibila: devias ter-me prevenido! Parece-me que, apesar de tudo...!

SIBILA

O pai proibiu-me.

AMÉLIA

Sai daí, rapariga: continuas escondida?! Sai daí, quero ver-te... irritas-me! (*Deixa-se cair sobre a cama:*) Ai, dói-me o corpo todo... estou mal, mal!... Não ouves, Sibila? Anda cá!

SIBILA

Não posso: tenho as pernas dormentes.

AMÉLIA

Oh, pobre Rodolfo!... E não o vigiavam, não...?! Vocês são responsáveis por... por aquilo que aconteceu:

deixaram-no morrer queimado! miserável e abandonado, naquela cabana... E assim... tão doente! Não têm desculpa: são as causadoras daquele horroroso acidente!!...

SIBILA

Não foi acidente.

AMÉLIA

(Levantando-se.) Não foi...?! Então aquele fogo que se pegou à cabana... que matou o teu pobre pai...!? Ai, cada vez que penso que ele estava lá sozinho, naquela aflição...!

SIBILA

Não, senhora: não foi acidente.

AMÉLIA

(Interrogando Guilhermina.) Então que foi...?!

GUILHERMINA

É como a Sibila diz...

AMÉLIA

Quero saber! Aquele fogo... quem...?!

SIBILA

(Que aparece: de pé, vestida com calças, encostada ao espaldar da cadeira.) Eu. Fui eu que deitei fogo à cabana.

AMÉLIA

(*Espanto e horror.*) Tu?!

GUILHERMINA

Foi ela.

AMÉLIA

Sibila?!...

SIBILA

O pai já... não estava vivo, quando eu lancei o fogo.

GUILHERMINA

Matou-se...

SIBILA

(*Feroz.*) Com um tiro aqui, no coração.

AMÉLIA

(*Para Guilhermina.*) É verdade?!...

GUILHERMINA

Foi assim.

AMÉLIA

São doidas?... Vocês metem-me medo...! Jesus, o que dirá essa gente?!...

SIBILA

(Troça.) Ninguém sabe: só eu, tu e a Guilhermina.
Ninguém.

AMÉLIA

(Que volta a cair sobre a cama.) Mas porque... porque fizeste tu isso?!

SIBILA

Porque ele me pediu.

AMÉLIA

Quem? o... teu pai?!...

SIBILA

Combinámos tudo antes, mãe.

AMÉLIA

Mentes!

SIBILA

(Dura.) Nunca menti, mãe.

AMÉLIA

Tu és um monstro... uma selvagem!

SIBILA

(Que se senta no bordo da janela.) Um monstro? Que é que isso quer dizer?!...

AMÉLIA

Mas tu não vês, não percebes o que há de... monstruoso, de horrível, nisso que fizeste?!...

(Guilhermina sai silenciosamente.)

CENA II

SIBILA

Porquê?! Foi o pai que me pediu.

AMÉLIA

E tu...?! Tu és uma anormal, Sibila.

SIBILA

Não entendo, mãe.

AMÉLIA

Quero ir-me embora daqui... já!...

SIBILA

(Irónica.) Tens medo, mãe?

AMÉLIA

Tenho. Fazes-me pavor, Sibila!

SIBILA

O pai também te causava isso mesmo, mãe.

AMÉLIA

(*Ciúme.*) Disse-to ele?

SIBILA

(*Gelada.*) Nunca me falava de ti.

AMÉLIA

Não valia a pena: eu estava morta. De que falavam então?

SIBILA

(*Terna.*) De nós dois.

AMÉLIA

Vê-se o resultado: educou-te bem! Era um louco, aquele homem!...

SIBILA

(*Selvagem.*) Não digas mal do pai. Era maravilhoso! E novo, e belo e forte...! Tu nunca o conheceste. Andávamos juntos o dia inteiro: comíamos juntos, trabalhávamos juntos, dormíamos juntos...

AMÉLIA

Mas não na noite do fogo!...

SIBILA

Nessa noite, não: o pai isolou-se pra morrer.

AMÉLIA

E tu sabias?!...

SIBILA

Tudo.

AMÉLIA

E... deixaste?!

SIBILA

Fez bem.

AMÉLIA

Bem?!!

SIBILA

(Desencadeada, como que rugindo em volta de Amélia.) Fez bem!! Fui eu quem preparou tudo: eu quem limpou o revólver, quem afastou os criados, quem ateou o fogo, quem... *(solução)* lançou as cinzas ao vento, ali, do alto da Pedra Negra!...

AMÉLIA

Cala-te, podem ouvir!...

SIBILA

O pai estava doente: tinha a morte dentro dele, a minar-lhe as entranhas. Era melhor vê-lo rastejar no chão, rasgado de dores, vê-lo morder as raízes pra não gritar...? Era melhor... *(lágrimas)* vê-lo chorar?!! *(A gritar, o rosto*

chamejante junto do de Amélia:) Ele era livre! livre, livre!!!

AMÉLIA

(Assustada.) Porque não me chamaste? Eu podia...

SIBILA

Não podias nada!! Mesmo doente, mesmo estragado e podre, o pai era mais forte que tu: um só olhar dele, mesmo moribundo, chegava pra te despir toda, pra te depenar... pra te deixar ridícula e pobre!

AMÉLIA

(Ferida.) Sibila!

SIBILA

(Indo até à janela, a olhar para fora.) Quando o pai ria, era um mar de sol que cavalgava por esses montes além! Era forte como uma árvore!... E novo: o homem mais novo que eu encontrei, em toda a minha vida! Uma vez... eu vi nascerem-lhe flores nos olhos! Quando queria, agarrava o vento com as mãos!... *(As lágrimas caem-lhe silenciosamente.)*

AMÉLIA

(A ira quebrada, compadecida.) Eu sei que tu sofres muito. *(A caminhar para Sibila:)* Não chores, filha: ninguém é eterno e ele...